

SOLENEMENTE RECEBIDO NA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA O SR. DR. ADHEMAR DE BARROS

Revestiu-se de excepcional brilho a sessão solene com que a Academia Nacional de Medicina recepcionou, a 7 de novembro, seu novo membro honorário, dr. Adhemar de Barros, numa significativa retribuição ao muito que tem realizado o ilustre Interventor paulista no setor médico-social do seu Estado.

A Sessão foi presidida pelo Sr. Ministro Gustavo Capanema, titular da Educação, que tinha à sua direita o prof. Aloísio de Castro, e à esquerda, o prof. Pernambuco Filho.

Em rápido improviso o prof. Aloísio de Castro apresentou à casa o novo membro, pondo-lhe no peito a medalha simbólica daquela entidade científica.

Há 17 anos, — disse o ilustre homem de ciência — o médico Adhemar de Barros era laureado com o prêmio “Saboya”.

Em 1939 era recebido no caráter de membro “honoris causa” da Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro.

E, agora, era possuído da mais viva satisfação que entregava ao médico e estadista a medalha característica do maior centro científico brasileiro.

Sob salvas de palmas dos presentes foram abafadas as últimas palavras do prof. Aloísio de Castro.

Em seguida assomou à tribuna o prof. Estelita Lins, figura de real destaque nos círculos da medicina brasileira e encarregado de saudar, em nome da casa, o novo membro honorário.

Suas claras e bem timbradas palavras foram as seguintes:

“Se acaso me fôsse dada a possibilidade de estudar as características nobres e elevadas da excelsa personalidade do dr. Adhemar de Barros, mal me podia desobrigar de tarefa tão árdua tais as dificuldades em separar no intrincado enredo de suas peregrinas qualidades o que mais a realçar, se a pujança espiritual e voluntariosa de bem servir a causa pública como administrador e governante, ou a beleza moral e filantrópica dispensada no afã de dotar a coletividade de meios e recursos tão seguros e precisos na defesa contra o mal e as doenças.

Estes dois aspectos associam-se perfeitamente no propósito cristalino do verdadeiro condutor de homens forrado de um estôfo altamente humano de espalhar o bem, função que lhe é peculiar como médico já afeito a sentir a dor do próximo e reconhecer-lhe as necessidades.

Ao clínico importa primeiramente cuidar do indivíduo isolado, curar-lhe as chagas algumas vezes, suavizar-lhe os sofrimentos quasi sempre, mas sempre e sempre reconfortar-lhe o espírito com o bálsamo suave da palavra e da animação. Ao administrador, o médico das massas, mais árduo é o mistér; encara a doença coletiva e pandêmica, a derrocada da vitalidade no conjunto de seres de cuja saúde depende a segurança e grandeza do Estado.

Na prevenção e na defesa está a magnitude de sua obra, na profilaxia portanto reside a sua maior preocupação dotando a sociedade de institutos que lhe garantam a higidez e robustecimento difundindo a mancheias escolas e hospitais, ginásios e dispensários onde se iluminem as inteligências e fortaleçam os ânimos e onde a saúde se abroquele nos bons princípios da higiene e da moral.

Se muitos outros beneméritos serviços, têm prestado à gente paulista o sr. dr. Adhemar de Barros, nenhum sobreleva a sua obra gigantesca no terreno da Medicina Social.

Organizações várias em todos os setores da saúde pública, departamentos de higiene e profilaxia, campanhas de combate a todas as endemias que flagelam os nossos irmãos, sem caráter regional nem circunscrito, hospitais-escolas e cursos de aperfeiçoamentos para médicos especialistas e outros tantos centros de saúde e dispensários constituem o esboço das realizações sanitárias do Interventor dr. Adhemar de Barros.

E propositadamente furtando-me a emoção que em todos nós desponta, no orgulho de universitário não me referi ainda ao maior dos monumentos de seu Governo, o Hospital de Clínicas, que se ergue na capital de São Paulo como raro testemunho de sua fortaleza de vontade e potente clarividência de seu espírito de escol.

Eu de mim confesso, sr. presidente, com a autoridade que me outorga um passado de independência, sem bajulações nem lisonjas, que ao receber o encargo de dar as boas vindas ao nobre acadêmico honorário, não contive em mim o antegozo desta obra iluminada e festiva em que havia de reafirmar ao nosso ilustre companheiro, secundando o verbo eloquente de vossência, nossa admiração como médicos e nosso transbordamento como patriotas, na legítima exaltação da nossa brasilidade.

Como pretender dissociar o médico do Interventor, do Interventor que é médico, êle que fôra assíduo aluno no Curso de Clínica propedêutica Urológica da Cruz Vermelha, laureado pela Faculdade, estudioso frequentador dos hospitais da Europa, clínico e cientista com vários trabalhos publicados no país e no estrangeiro e, finalmente, membro destacado das sociedades de Urologia de Berlim e do Rio de Janeiro.

Êle que, como Interventor de São Paulo tem prestado alevantados serviços à causa médico-social; que como sociólogo demonstra a sua alta capacidade de biologista e filósofo para quem a vida se resume em ser útil pela grandeza do belo, que é o ideal das almas boas e apágnio dos privilegiados!

Sr. Adhemar de Barros.

Tende a vossa cátedra, preclaro amigo: ela vos pertence como ao sol pertence a luz, como a pureza à inocência; nós vos recebemos transbordantes de contentamento e de orgulho pelo que tendes feito em nome da medicina, pela medicina e para a medicina, o que vale dizer pela saúde da nossa gente e grandeza de nossa Pátria.

Abençoados os que servem com denodo sua pátria porque êles servem também a humanidade.

Sêde bem-vindo!"

Cessados os aplausos que coroaram a bela saudação feita ao recepiendo pelo prof. Estelita Lins, toma a palavra, sob entusiásticas e vibrantes palmas, o sr. dr. Adhemar de Barros, para proferir o seu discurso de agradecimento.

Possuído de viva e indisfarçável emoção, assim iniciou o ilustre Interventor paulista a sua brilhante oração:

"Confesso-vos a minha emoção profunda de homem e de médico, ao ser admitido como membro honorário desta casa, aonde só se chega depois de uma vida inteira consagrada ao cultivo da ciência e à prática do bem.

O desvio momentâneo que sofri na carreira, por motivo da missão que me incumbiu, em São Paulo, o sr. Presidente Getúlio Vargas, não

quebrou, no entanto, os laços que me prendem à medicina. Muito pelo contrário, aprendi como homem de governo, a considerar mais de perto a responsabilidade que pesa na hora presente sobre os médicos — responsabilidade que decorre do importante papel que incumbe aos médicos do Brasil.

VALOR DA TERRA E DO HOMEM

Prosseguindo, s. excia. aditou:

“A arte de governar é, hoje, muito mais complexa do que o foi no passado. Governar não é mais simplesmente administrar.

De acôrdo com a fórmula inaugurada entre nós pelo Presidente Getúlio Vargas, governar é valorizar a terra, valorizando o homem.

O serviço público deixou de ser um simples funcionamento exemplar da máquina administrativa, para ser, como é, na hora histórica que vivemos, a disciplina das forças produtoras de riqueza, conseguida por meio do bem estar, proporcionado ao homem que é o maior capital do regime implantado a 10 de novembro de 1937.

A velha fórmula, segundo a qual a felicidade de um povo depende dos regimes políticos, está hoje virtualmente substituída por outra: a felicidade de uma nação está na razão direta dos homens que a compõe.

PROBLEMA ESSENCIALMENTE MÉDICO

“O problema do governo é, assim, um problema essencialmente médico.

Não direi novidade falando a uma assembléia de doutos, como essa, que hoje me acolhe, fidalgamente, em seu seio, dizendo que a medicina posta a serviço da administração reintegrou o homem na alegria de viver.

Os governantes agem como médicos, quando põem abaixo “cortiços”, “favelas” e “mocambos” e dão ao operário casa própria; quando entram nas oficinas, nas fábricas, nas casas comerciais e exigem para todos que trabalham nelas condições de salubridade e conforto; quando fixam as horas do trabalho em proporção à resistência física do trabalhador; quando impõe a fundação de restaurantes populares, quando prescreve três meses de licença obrigatória para a gestante; quando espalham nas cidades industriais, campos de recreação e de esportes para as crianças proletárias; quando fundam colônias de férias; quando decretam o salário mínimo.

RESTAURAÇÃO DE CENTROS DE SAÚDE

“À frente do governo de São Paulo, seguindo o nobilitante exemplo que nos dá o da República, as minhas atenções se voltaram, desde logo, para o homem. E fiz o que sabeis. Fiz aquilo que a vossa generosidade se lembrou de premiar em mim. Restaurei os centros de saúde e disseminei-os por toda a parte. Aumentei o número de leitos dos hospitais em funcionamento e construí novos hospitais. Dei assistência aos psicopatas, retirando-os das cadeias públicas, onde, em número considerável jaziam ao lado de malfeitores.

A lepra, a tuberculose, o câncer, o “fogo selvagem”, a leishmaniose, a malária, têm me encontrado sempre pela frente, onde quer que se manifestem.

Hospitais, sanatórios, casas maternais, asilos, enfim, tudo quanto a ciência médica inventou para dar combate à epidemia e endemia, tudo venho dando ao homem de São Paulo para fazê-lo digno homem do Brasil.

A enumeração que, ora vos faço das realizações que tenho tido a ventura de presidir em São Paulo, não se inspira na imodéstia, não tem por fim enaltecer-me aos vossos olhos. Sirvo-me dela para justificar a mim mesmo a honra do lugar que me destes na vossa intimidade, no vosso apreço. Quero ser o primeiro a não me iludir com a elegância do vosso gesto, por mais espontâneo.

Esta casa representa na ciência médica do país, ponto culminante e os meus méritos, como profissional, estariam muito longe de merecê-la, se não fôsse apenas a minha devoção filial às vossas tradições já seculares.

MÉDICOS PARA O BRASIL

“Foi precisamente o saber que aos médicos brasileiros cabe, nesta hora, papel de extraordinário relêvo na história da evolução política do país, que um dos primeiros atos, da minha administração consistiu em dotar a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, de um hospital de Clínicas.

Estou convencido de que antes de formar doutores, as escolas de Medicina têm por obrigação formar médicos.

A medicina é uma ciência experimental que se estuda menos nos livros que nos hospitais, à cabeceira dos doentes. Precisamos fazer com que não sejam sinão uma imagem literária para uso dos romancistas as aflições do jovem doutor, às voltas com o primeiro doente. O diploma, em se tratando de médicos, não pode ser uma presunção de saber: tem que ser uma certeza. Na nossa profissão mais que em qualquer outra vale o saber só de experiências feitas, como queria o épico.

HOSPITAL DE CLÍNICAS

Continuando a sua admirável oração, o ilustre clínico e estadista entrou a apreciar o “Hospital de Clínicas”:

“O “Hospital de Clínicas”, segundo o plano a que obedeceu, completara as lições dos mestres.

A Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, apesar de muito moça, é um grande centro de estudos do qual se pode legitimamente desvanecer o ensino médico do Brasil. Presto-lhe, aqui, em hora das mais solenes da minha vida profissional, a homenagem da minha admiração mais sincera. A erudição, todavia, não pode prescindir da prática. Queixavam-se os próprios mestres da inexistência de um hospital-escola, onde os alunos pudessem, sob a sua orientação, à luz do seu exemplo e dos seus conselhos, ir se adextrando na difícil arte de conhecer as doenças diretamente, através das devastações que produzem no nosso corpo.

As palavras de louvor que recebi em São Paulo e os confortáveis aplausos que me mandou a ciência médica do Rio, pagaram-me do esforço que tenho pôsto na execução integral do meu projeto.

Ao assumir o governo de S. Paulo, encontrei a nossa Faculdade instalada em amplo e majestoso prédio. Em seus bem equipados laboratórios se ministra com eficiência o ensino das disciplinas básicas, ao mesmo passo que professores e assistentes se dedicam às investigações e pesquisa, enriquecendo, com valiosos trabalhos, a produção médica nacional.

Em impressionante contraste o ensino clínico continuava, ainda, como ao tempo da fundação da Faculdade, a ser ministrado em localização imprópria e inadequada, nas enfermarias super-lotadas da Santa Casa. Resentia-se, portanto, o nosso ensino médico, de grave lacuna, falha de há muito reconhecida e que, por isso mesmo, suscitara dos governos que

me precederam, medidas que se traduziram, infelizmente, apenas em estudos e projetos.

Ante o imperativo da situação julguei de meu dever completar o ensino médico em São Paulo, colocando em iguais condições de eficiência a laboratórios de clínicas, objetivando a maior elevação cultural.

ORGANIZAÇÃO DO HOSPITAL

“Cobre o nosso hospital uma área de 4.300 ms.², em 10 pavimentos, com mais de 40.000 metros de construção. Em duplo “H” geminado nele serão instaladas 17 clínicas, sendo nove de medicina e oito de cirurgia. Cada clínica constará de seções masculina e feminina, independente, possuindo laboratórios, arquivo, sala de projeção e de reunião dos docentes, dos professores e dos assistentes.

Possue cada clínica a sua policlínica, para serviços externos, o que representa a oportunidade de seleção para casas de ensino.

Pequenas enfermarias de emergência se destinam à anatomia patológica, fisio-patológica, microbiologia e sorologia, de moléstias da nutrição, ampliando assim, as possibilidades de investigação nos departamentos básicos.

Esta última e proveitosa relação entre a clínica e o laboratório, é efetivada pela vizinhança dos edifícios do Centro Médico, que já é, atualmente, constituído pelo prédio dos laboratórios da Faculdade, Hospital das Clínicas, Instituto de Higiene, Instituto de Medicina Legal e Instituto Bacteriológico, estando em estudo o Instituto do Câncer.

Funcionará no Hospital das Clínicas o serviço de Pronto Socorro, ao qual se destinam cem dos 1.100 leitos do hospital.

A localização do Pronto Socorro no hospital das clínicas obedece a uma tríplice justificativa: 1.º) manter a sua finalidade e prestar os socorros de urgência, transferindo para os serviços hospitalares os casos que requerem prolongada internação; 2.º) internação direta para as clínicas especializadas, quando assim o indicar; 3.º) ministrar o ensino da medicina e cirurgia de urgência.

RESUMO DAS OBRAS

Para melhor elucidar o que disse passo a expor o último relatório que recebi sobre o prosseguimento das obras do Hospital das Clínicas, e que se referem até o dia de ontem, 6: trabalhos preparatórios de terra-planagem, 149:216\$250; fundações especiais com estátuas de concreto, 726:524\$650; estrutura de concreto armado, 3.941:184\$900; alvenaria, revestimentos internos e externos, 2.522:165\$080; encanamentos d'água, esgotos e gás, 540:516\$920; instalações elétricas, 1.106:386\$200; coberturas com telhas “Eternit”, inclusive madeiramento para o telhado, 169:896\$600; caixilhos metálicos, esquadrias de madeira e persianas de enrolar, 504:420\$600; fôrro de estuque, impermeabilizações, comissão contratual e diversos trabalhos, 789:579\$700; central térmica (parque), 397:873\$000; nêutro clarificadores de água e parte dos elevadores, 485:850\$000; aparelhos sanitários e vidraçarias, 518:345\$800; pastilhas de porcelana (argilex) para pavimentação, 540:860\$200; pessoal técnico, escritório e material, 502:180\$100. Soma, 13.000:000\$000. Deduz-se pelo quadro acima, que até a presente data foram gastos na construção do Hospital das Clínicas, 13.000:000\$000 (treze mil contos de réis), havendo, portanto, um saldo orçamentário de 5.495:246\$000 (cinco mil, quatrocentos e noventa e cinco contos, duzentos e quarenta e seis mil réis) para a conclusão das obras visto o orçamento ser de 18.495:246\$000.

Releva notar que os trabalhos têm sido conduzidos com a maior economia possível, apesar da grande majoração dos preços de materiais nos

últimos meses, majoração essa que tem atingido até 30% sobre os preços anteriores, conforme o mesmo relatório assinado pelos engenheiros fiscais e construtores.

AUXÍLIO A FACULDADE DE MEDICINA

Tenho dotado a Faculdade de Medicina dos meios necessários para que possa multiplicar as suas atividades no campo imenso da investigação e da pesquisa.

Verbas especiais lhe têm sido destinadas para aperfeiçoamento de sua aparelhagem didática e científica, ampliando a sua biblioteca, já estando em pleno funcionamento oficinas próprias de tipografia e encadernação.

Com a finalidade de incrementar o estudo e a solução de tantos problemas médicos e biológicos que mal conhecemos ou que ainda mal interpretamos, criei, na Faculdade, uma secção de patologia experimental.

Existe, hodiernamente, uma ligação íntima entre a fisiologia normal e a patológica, cujas investigações se completam no estudo da patologia.

Compreende-se, portanto, que se tornem necessários ao estudo experimental dos problemas médicos, conjuntos de meio especializados de técnica e respectiva aparelhagem. Para essa finalidade já conta o Departamento de Patologia Experimental com as secções e laboratórios de química biológica, cirurgia experimental e vivificação e gráfica, endocrinologia experimental, bacteriologia e inologia, ibiotério. Permite esta organização encarar sobre múltiplas faces o mesmo problema científico investigando-o em seus diversos aspectos, para uma elucidação a mais completa possível.

PROBLEMAS MÉDICOS SOCIAIS

Dentre os problemas médicos sociais que encarei e estou resolvendo: remuneração do Departamento de Saúde, Centros de Saúde, luta contra a tuberculose, estudo de leishmaniose (direção do prof. Samuel Sampaio), fogo selvagem (Instituto para tratamento e estudos), câncer (Departamento do Combate ao Câncer), assistência aos psicopatas, (insanos das cadeias — Juqueri), estação experimental e de estudos da malária — Guarujá; assistência natal e pré-natal; Departamento de Educação Física; estações hidro-climáticas — Campos do Jordão.

A PALAVRA PRESIDENCIAL

“A nossa profissão, senhores, tão malsinada pelos poetas satíricos, a ponto de figurarem até nas antologias escolares os epigramas contra nós dirigidos, aqui e no estrangeiro, recebeu há poucas semanas, na Faculdade de Medicina da Baía, a consagração das palavras prestigiosas do sr. Presidente da República.

Estais lembrados de que ao receber o título de doutor “honoris causa”, conferido a s. excia. por uma escola que é um dos maiores orgulhos nossos, disse o eminente Chefe da Nação que o Brasil precisa de médicos. A terra é vasta e o clima, por vêzes, inclemente.

As florestas e os rios, escondem, não raro, sob a sedução de sua paisagem, enfermidades traiçoeiras e terríveis. Se os médicos não acudirem com sua ciência aos homens, acudir-lhes-ão os charlatães com suas benzeduras. O médico exerce, por isso mesmo, a dupla função de médico e de educador: liberta o homem dos sertões da doença e do charlatanismo.

Cura-lhes a carne e o espírito.

E' médico e evangelista.

O MÉDICO E O PROFESSOR

Este sério problema de uma distribuição mais equitativa e racional dos médicos pelo território da República já me havia preocupado a mim mesmo. Folguei, no entanto, ouvir da boca de tão ilustre estadista a confirmação de seu modo de pensar.

Quando Bilac, no famoso discurso aos moços de São Paulo, declamou que o Brasil sentia a falta da carta do ABC e do banho, o imortal poeta firmou de maneira definitiva e lapidar o valor social do médico, ao lado do valor social do mestre escola.

Na oração inesquecível o banho foi apenas um eufenismo. Banho é sinônimo de higiene. Higiene e eugenia são filhas da medicina.

O Brasil, já naquele tempo sofria da falta de médicos. Já naquele tempo era o nosso país um vasto hospital, de que nos falava o saudoso professor Miguel Pereira, mas um vasto hospital, cujos doentes vivessem sob o regime das águas milagreiras, das rezas e dos conjuros...”

S. excia. terminou com um apêlo vibrante:

RENÚNCIA ÀS COMODIDADES

“Gostaria que me ouvissem, hoje, todos os estudantes, todos os médicos do Brasil.

Tão alta é a tribuna de onde lhes falo que só ela basta para suprir as minhas deficiências pessoais para o conselho que ousou ministrar-lhes.

A nossa profissão é um sacerdócio. Tem por isso do sacerdócio a mais bela e a mais santa das virtudes: a renúncia.

Aconselho aos jovens colegas a renunciar às comodidades pessoais em benefício de um Brasil maior, de um Brasil povoado e saneado. De um Brasil que possa proporcionar aos seus filhos, ao mesmo tempo a sedução da paisagem, a tranquilidade da fartura e a alegria da saúde.

A Academia Nacional de Medicina recebe-me, hoje, qual tenho sido sempre: um médico que acredita na medicina.

E’ o título com que me apresento ao receber o valioso diploma que me conferistes. E’ o título, em suma, que possúo e que não me faz corar diante das excepcionais homenagens que hoje me dispensais”.

HOMENAGEADO O DR. RUBIÃO MEIRA

Ao encerrar-se a sessão, o prof. Aloísio de Castro salientou o fato de se encontrar no recinto uma das maiores sumidades da ciência brasileira, o dr. Rubião Meira.

O reitor da Universidade de São Paulo, agradecendo as palavras do eminente clínico, pronunciou de improviso, o seguinte discurso:

DISCURSO DO DR. RUBIÃO MEIRA

“A manifestação de apreço que acabais de fazer escolher para membro honorário desta douta Academia, tribunal mais elevado de nossa classe, onde as paixões se aplacam e predomina o espírito de justiça, ao dr. Adhemar de Barros, não pode deixar de levantar no coração dos paulistas uma exuberância de sentimentos afetivos e os protestos mais eloquentes de gratidão, por verificar que a um grande médico e maior administrador foi galardoada tão honrosa distinção.

A Academia não olhou tão somente o profissional, cuja trajetória é cheia de conquistas no terreno médico mas também o homem de governo que tem pôsto ao serviço público a sagacidade de seu engenho e devotamento de sua inteligência, as energias vivas de sua mocidade e o amor entranhado às coisas de sua terra.

O médico recebe o conforto moral do apreço de seus pares e o homem público os aplausos à sua atividade e à sua capacidade administrativa. Não se pode separar as duas personalidades. É uma só. O dr. Adhemar de Barros demonstra o valor da educação científica em um pôsto altamente colocado na governança do Brasil.

Como médico não procurou unicamente tratar o indivíduo, argamassou o fruto de suas observações nos doentes para aplicá-la no destino de seu Estado. Teve a visão clara e perfeita das necessidades administrativas, a compreensão exata de sua atuação procurando solucionar os problemas vitais que interessam o engrandecimento de seu povo. Deu provas de que o melhor administrador ainda é o que traz sobre os ombros o arminho doutoral, vestindo a sua personalidade dos conhecimentos indispensáveis ao desenvolvimento do Estado.

Nesses dois anos e pouco de administração, a sua obra impressiona. Acabastes de ouvir de seus lábios donde brota a sinceridade, uma parcela do que fez e organizou. É superior às forças humanas e ele o fez com energia, com coragem, com dedicação, serenamente, colocando os interesses públicos acima de suas aspirações pessoais. O que instituiu é indestrutível. Tem que passar à posteridade e ficar marcando o seu nome na gratidão do povo.

Não venho elogiar sua atuação governamental e nem ele precisa elogios, mas como reitor da Universidade de São Paulo, dar o meu depoimento público e solene da majestade de seu governo e do valor de sua figura inconfundível de estadista brasileiro.

A apreciação dos fatos que apontou, a concatenação das organizações que estabeleceu, a normalidade dos serviços que instituiu bastam para falar mais eloquentemente que as palavras por mais douradas que sejam, por mais formosas que se apresentem. Fatos se não discutem: impõem-se e dominam. Pairam acima das paixões, sobrelevam a todos os interesses, vencem os eternos envenenadores do merecimento alheio, consagram o indivíduo, fixam na história o valor e a grandeza moral da personalidade.

Eu tinha que dizer à Academia Nacional de Medicina essas palavras como preito de verdade, como manifestação de justiça rendendo homenagem de gratidão em nome da Universidade de São Paulo ao gesto nobilitante desta associação que acaba de colocar o homenageado dentro dos florões de sua magnificente instituição, cujos ditames impõem respeito e merecem veneração.

Sr. Presidente. É com emoção que me dirijo a vós. Volto os olhos ao passado a mais de quarenta anos e ainda sinto vibrar os entusiasmos que agitaram minha mocidade quando percorria as salas da Santa Casa e ouvia com unção as palavras de vosso pai e meu amado mestre Francisco de Castro. Até hoje, passado tanto tempo, não se desvaneceram de meu espírito aquelas impressões que se verbo quasi divino, suas orações deslumbrantes, seus ensinamentos profundos imprimiram em minha mentalidade. Devo a Francisco de Castro a minha formação médica e guardo ainda nas pregas de minhas circunvoluções cerebrais as suas lições. Às vezes, nas caladas horas de repouso, meu espírito retorna aos dias da juventude e é para aquele nume tutelar de minha vida que minha alma se volta cheia de gratidão, cheia de reconhecimento. Vivo ainda envolto pelo prestígio daquele verbo evangelizador que orientou minha carreira profissional. Não faço poesia. Vós, sr. professor Aloísio de Castro, que recebestes essa herança imorredoura e a conservastes com brilho inextinguível, sabeis da sinceridade de minha palavra. Da cátedra constantemente

transmito aos alunos os ensinamentos que trouxe da academia, os ensinamentos de Francisco de Castro. E faço-lhes ver que a base que aprendi nos estudos médicos está sempre de pé, é imortal. Teorias sucedem-se, doutrinas novas aparecem, mas os princípios sobre que a medicina se levantou são sempre os mesmos, não podem ser destruídos, afrontam o tempo, vencem as épocas e são imorredouros. Dele bebi com religião esses princípios e seu nome me vem aos lábios sempre com as manifestações de minha veneração. Vós continuastes a sua existência. A fatalidade que o imobilizou na serenidade da morte não impediu que sua vida desaparecesse. Vós fostes seu sucessor, na grandeza do espírito e na majestade da sua profissão. E vosso nome tem o rebrilho do mestre. E vossas lições aplacam a saudade e deixam a sensação de que ainda é vosso pai que está de pé a conduzir a gente nova com o fulgor de sua cultura e a beleza de sua palavra. Não vos posso dizer mais. Em vós revive o mestre e sinto minha alma impregnada daquele fervor entusiástico que dominou minha mocidade.

Estou caminhando para o ocaso da vida. Recordo a juventude e olho para o poente onde o sol já vai a descambar. Mas conservo vivas as impressões dos verdes anos e com coragem caminho para o fim. Mas o pôr do sol é sempre belo quando o dia foi bem feliz. E, não se apaga súbitamente, é lento, entra às vezes pelas primeiras horas da noite, não quer desaparecer, traz fulgores de luz e encenações de beleza. Encanta e comove e a pouco e pouco vai se diluindo na intensidade brumosa, envolto pelas nuvens do doce cair da tarde.

As nuvens na vida são as brumas da saudade, e essas águas no meu coração cheias de tanta formosura moral que conheci e de tanta afeição que acariciei que o sol vai a cair lentamente com tristeza mas deixando o consolo de haver iluminado a terra fazendo-se trabalhar, trabalhar sempre com grande amor pela medicina com maior amor pelo Brasil".

Vibrante salva de palmas coroou a oração do ilustre cientista.

(Transcrito do "Correio Paulistano" de 8-11-940).